

## Lutas hegemônicas em torno do posicionamento discursivo e social das línguas africanas de Angola: Uma reflexão crítica e decolonial

Carolina Archer\*

**ORCID iD** <https://orcid.org/0000-0002-1141-5805>

**Resumo:** O presente trabalho, ao se inserir nas perspectivas discursivas críticas faircloughianas e decoloniais, objetiva trazer um novo olhar para as discussões acerca do contexto linguístico de Angola, refletindo discursiva e criticamente sobre os efeitos das políticas linguísticas no país para o posicionamento das Línguas Africanas de Angola (LAA) e, por consequência, para o Português ali em uso – outrora europeu e hoje já indiscutivelmente angolano. Para tanto, foi feito um breve panorama histórico do período colonial do século XV aos tempos contemporâneos, passando pelo colonialismo do século XX, pelas lutas de libertação nacional e pelo período pós-independência, à luz das lutas hegemônicas e das mudanças discursivas e sociais propostas pela Teoria Social do Discurso de Fairclough (2001), que se encontra na seara dos estudos linguístico-discursivos críticos. Ainda, o trabalho se apoia na corrente filosófica do pensamento decolonial para contribuir na fundamentação da reflexão. Conclui-se que um olhar crítico e decolonial à questão possibilita escapes aos binarismos cômodos instaurados pelo colonialismo e proporciona uma compreensão complexa em relação ao posicionamento discursivo e social das LAA, no passado e na contemporaneidade, oferecendo caminhos possíveis a novas e mais aprofundadas reflexões que embasem políticas linguísticas críticas favoráveis ao multilinguismo característico dos países africanos, em especial de Angola.

**Palavras-chave:** Línguas Africanas de Angola; Pensamento Decolonial; Políticas Linguísticas; Análise Crítica do Discurso

**Ovoyaki vandisiwa lovisoko vyavelako kongusu kwenda kokuvyala ndomo catamba kokwavela omangu yesesamelo kwalimi vutundasonde wocifuka co Afrika von Ngola:**  
Esembi lyusipulwi okupisila pokupwa kusoma wacikolonya

**ONIMBU:** Upange owu ndeti, ndokukwata nonepa kovisiminlo kwenda kowanji vyanoño londuko Fairclough, havyo vyatyama kundongosi veswe lyokupwa kusoma wacikolonya volwali, walikuminya okutwala elomboloko lyokaliye volombangulo vyokusitulula alimi vofeka yoNgola, okupisila vokutepisa awanji vañi-vañi vaminla kolonjila vvasokiyiwa luvyali wofeka vokwenda kwanyamo, locimahō cokwavela omangu yesesamelo kwalimi vutundasonde wocifuka co Afrika kwenda, ndokulinga epako lyaco, vokusandukila kelimi lyoputu vofeka – lina kosyahulu lyakala elimi lyacikolonya kaputu. Omo lyaco, twandisa esitulwilo lyulandu ndomo cakala kotembo yacikolonya kocita canyamo vekwim la vitālō (século XV) toke kotembo yokaliye, kumosi letumbuluko lyusoma wacikolonya weya okukwamako, pwāi tutwalavo esitulwilo lyovoyaki wawiñi vasipatiyiwa kwenda wasanda eyovoko, handi tuvangua vo kolotembo vyaminla kokusanga eyovoko keswe lyovoyaki vandisiwa lovisoko vyavelako kongusu kwenda kokuvyala, kumosi lepongoloko vokuyevalisa ovisiminlo havyo kekalo lyowiñi, ndomo calongisiwa vesembi lya noño Fairclough (2001), lina lisangiwa vocilwa celilongiso lyowanji-vonjinda yelimi ndesipulwi. Tovokiyako lokulinga tuti upange owu ndeti wapetekela kombweti yovisiminlo lyavana vanolapo okutaliya olwali okupisila pokupwa kusoma wacikolonya, locimahō cokuvokiya kokutōla

\* Possui graduação em Letras Licenciatura Inglês (2019) e Letras Licenciatura Português (2020) ambas pela Universidade Federal de Minas Gerais. É mestranda em Linguística Aplicada pelo POSLIN da Universidade Federal de Minas Gerais. É membro do projeto de extensão Unisale parceria universidade-escola do programa Interfaces da Faculdade de Letras da UFMG, onde estabelece parceria com professores do Ensino Básico de Angola com trabalho voltado para o ensino de Língua Portuguesa e das Línguas Africanas de Angola. É membro do Grupo de Estudos Africanos e Pós-Coloniais do Departamento de História do PGH da UFMG. E-mail: carolarcher26@gmail.com

kwovisiminlo. Kokumalusula, ondaka tunonlapo yeyi okuti etaliyo lyusinumunli halyo lyokutaliya olwali okupisila pokupwa kusoma wacikolonya utenla okutwavela okuyepa etosi kwenda, hacilingi ndonjila yasanjavala enene, ndomo casyata tunde nunde vusoma wacikolonya, osimbu okuti eci cisukiliwa okusungulwisa elomboloko lyomangu kesesamenlo lisukiliwa lalimi vutundasonde vocifuka co Africa, kotembo yale lokotembo yokaliye, oco omanu vatenle okusanga onjila yisongwila kesitulwilo lyundongosi oco ulala walimi ukolise eyau lyalimi valitepatepa, ndomo casyata volofeka viñi-viñi vocifuka co Africa, enene vali vo Ngola.

**Màka Sabi:** wocifuka co Afrika von Ngola; vusoma wacikolonya

**Abstract:** The present paper, placed within Fairclough's critical discourse and within decolonial perspectives, aims to give a new light upon the discussions about Angola's linguistic context and to reflect critically and discursively on the country's language policies effects to the discursive positioning of the Angolan African Languages (AAL). Also, it reflects on the discursive positioning of the Portuguese spoken in Angola – once European and nowadays unquestionably Angolan. To achieve these aims, a brief historical overview has been made – from the 15<sup>th</sup> century colonial period to contemporary times, glimpsing the recent colonial period, the liberation movement, and the post-independence period – in the light of Social Discourse Theory's (Fairclough, 2001) hegemonic struggle and discursive change concepts. The theory that embraces this paper finds itself amid the critical linguistic-discursive studies. Furthermore, the present paper engages with the decolonial thought which contributes to the reflection here developed. The paper concludes that a critical and decolonial perspective enables one to escape from easy and comfortable binary understandings of the matter often established by the colonialism and it also offers a complex comprehension regarding the discursive and social positioning of the Angolan African Languages, from past to contemporary times. By doing so, this paper provides possible paths to new and more deepen reflections that could favor and underlie critical linguistic policies which may boost multilingualism in African countries, especially Angola.

**Keywords:** Angolan African Languages; Decolonial Thought; Linguistic Policies; Critical Discourse Analysis.

## Introdução

Historicamente, a colonização portuguesa na África e no Brasil é representada como “suave” ou “amigável” (FIGUEIREDO, 2018; HENRIQUES, 2016), perpetuando o mito da democracia racial freyriano e retardando pesquisas acerca do impacto colonial português nesses territórios em seus diversos âmbitos se comparadas àquelas feitas em outros contextos coloniais (PONSO, 2009). O que se observa, no entanto, é que a dominação colonial portuguesa deixou tantas rupturas, fraturas coloniais (RIBEIRO, 2016), como qualquer outro processo colonizador. Essas rupturas (ou desmembramentos, nas palavras de Kilomba (2019)) se desenrolaram em processos e representações social, histórica e discursivamente complexos, principalmente no que tange a configuração linguística das ex-colônias africanas.

Na introdução de sua obra *Memórias da Plantação – episódios de racismo cotidiano* (2019), a teórica Grada Kilomba analisa um curto poema do poeta Jacob Sam-La Rose, a partir do qual começa a costurar sua definição sobre o colonialismo como “uma história de vozes torturadas, línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos (...)” (KILOMBA, 2019,

p.27). A primazia dada pela autora às privações e imposições linguísticas e discursivas perpetradas pelo colonialismo enquanto forma de repressão política, étnica e identitária revela a impossibilidade de se discutir e compreender a complexa geografia linguística global atual sem que essa discussão seja feita necessariamente de maneira crítica e decolonial – visão corroborada pelo trabalho de linguistas críticos, como Rajagopalan (2003), e coloniais, Severo (2019).

Nesse sentido, é a partir dessa perspectiva – crítica e decolonial – que será oferecida uma reflexão, na esteira dos estudos discursivos críticos de Fairclough (2001), acerca das lutas hegemônicas que circundam o posicionamento discursivo e social das Línguas Africanas de Angola (LAA) e suas conseqüentes mudanças discursivas e sociais desde o período colonial do século XV aos dias atuais.

### **1. Um breve olhar ao pensamento decolonial**

A colonização imperialista iniciada por países europeus, principalmente na África, ao fim do século XIX, com a Conferência de Berlim de 1884, deixou fraturas (RIBEIRO, 2016) em todos os âmbitos das sociedades africanas, na medida em que tiveram limites geopolíticos a elas impostos. Essas fraturas persistem mesmo após o fim do colonialismo conquistado pelas diversas lutas de independência ao fim do século XX no continente, como nos esclarece Ribeiro (2016, p.37):

o ato colonial não termina com quem o executou, ele passa para as gerações seguintes sob a forma das figuras do ex-colonizador e do ex-colonizado que complexamente reencenam uma fantasmagoria que se identifica com o habitante mais íntimo do inconsciente europeu – o seu fantasma colonial. (RIBEIRO, M. A Casa da Nave Europa – miragens ou projeções pós-coloniais? In: Geometrias da Memória: configurações pós-coloniais, Porto: Afrontamento, 2016.)

Em um primeiro momento, é importante destacar que o movimento político-intelectual iniciado em África pós lutas de independência, conhecido como pós-colonial, difere-se do que aqui se chama de pensamento decolonial. Isso porque, enquanto a corrente pós-colonial busca identificar “a relação antagônica entre colonizador e colonizando” e “denunciar as diferentes formas de dominação e opressão dos povos” (ROSEVICS, 2017) – perspectiva essencial para a formação posterior da decolonialidade-, o pensamento decolonial, enquanto corrente epistemológica,

reflete sobre a colonização como um grande evento prolongado e de muitas rupturas e não como uma etapa histórica já superada. [...] Deste modo quer salientar que a intenção não é desfazer o colonial ou revertê-lo, ou seja, superar o momento colonial pelo momento pós-colonial. A intenção é provocar um

posicionamento contínuo de transgredir e insurgir. O decolonial implica, portanto, uma luta contínua” (COLAÇO, 2012 apud REIS e ANDRANDE, 2018).

Nesse sentido, o decolonialismo transpõe o pensamento pós-colonial, já que não só identifica e acusa o processo de subalternização cultural dos povos colonizados, inseridos em uma “lógica de inferioridades racial, econômica, bélica, linguística e cultural que impõe aos indivíduos colonizados um paradigma de valores fundamentados nos valores dominantes” (REIS e ANDRADE, 2018, p. 5), como também propõe transgredir essa lógica ao incorporar o pensamento de povos originários, africanos e latino-americanos como epistemologias legítimas. Desse modo, o pensamento decolonial desafia o epistemicídio – conceito desenvolvido por Carneiro (2005), a partir de Boaventura Sousa Santos (1995), que afirma:

o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, a expansão comunista (neste domínio tão moderno quanto a capitalista). (SOUSA SANTOS, 1995, p.328 *apud* CARNEIRO, 2005).

A partir disso, Carneiro (2005) expande o conceito ao argumentar que

o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. (CARNEIRO, 2005, p. 97)

É nesse sentido, compreendendo as graves consequências do epistemicídio para os povos outrora colonizados, que Kilomba (2019) é categórica ao dizer que “não é somente uma imensa, mas também urgente tarefa descolonizar a ordem eurocêntrica do conhecimento” (KILOMBA, 2019, p.53). É a partir dessa urgência que esse trabalho se posiciona, a fim de refletir, à luz da decolonialidade, a complexidade de posições discursivas e sociais tomadas em relação às Línguas Africanas de Angola, posições ressignificadas tantas vezes no contexto da luta hegemônica (FAIRCLOUGH, 2001). Ressoando as palavras de Fanon (2008), quando este afirmou que “todo povo colonizado (...) toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana”, nota-se que não seria possível discutir tal

posicionamento sem também refletir acerca das posições tomadas em relação à Língua Portuguesa no país. Para tanto, é necessário conjugar o pensamento decolonial à Teoria Social do Discurso faircloughiana – visto que esta aportará à discussão a teoria discursiva crítica fundamental à análise de tais posições –, explanada a seguir.

## **2.Luta hegemônica, mudança discursiva e social**

Em seu trabalho *Discurso e Mudança Social*, Fairclough (2001) propõe sua Teoria Social do Discurso, em que comunga com preceitos da Análise do Discurso Francesa foucaultiana - na medida em que concede à linguagem um olhar crítico enquanto prática social circunscrita em relações de poder - e a extrapola tanto ao aprofundar as relações que a hegemonia e a ideologia estabelecem com a linguagem quanto ao inovar tratando de seu papel enquanto transformação social. Neste ensaio, cabe focar o entendimento do autor acerca da hegemonia, na dimensão da luta hegemônica e de sua relação com a mudança discursiva e social.

Para construir sua concepção de hegemonia, Fairclough (2001) parte do trabalho genealógico de Foucault (1979) - no qual o filósofo detalha a investigação a respeito da relação entre sistemas de poder e linguagem, dando preponderância aos primeiros, ainda que o discurso e a linguagem se mantenham enquanto centro das práticas sociais. Nas palavras do próprio Fairclough, ao analisar o conceito de poder foucaultiano:

Essa concepção de poder sugere que o discurso e a linguagem são de importância central nos processos sociais da sociedade moderna: as práticas e as técnicas que Foucault enfatiza tanto – a entrevista, o aconselhamento, e assim por diante – são em grau significativo práticas discursivas. Assim, analisar as instituições e as organizações em termos de poder significa entender e analisar suas práticas discursivas. (FAIRCLOUGH, 2001, p.76)

A visão foucaultiana, entretanto, não será igualmente adotada por Fairclough em sua Teoria Social do Discurso. Ao contrário, o autor aponta que, ao dar ênfase excessiva na dimensão do poder, Foucault desconsidera a capacidade de oposição e de mudança nessas relações. Dessa maneira, Fairclough (2001) recorre ao filósofo marxista Antônio Gramsci (1971), afirmando que:

A concepção gramsciana de poder em termos de hegemonia é superior à concepção de poder de Foucault, porque evita tais desequilíbrios (Gramsci, 1971; Hall, 1988). Nessa abordagem, a hegemonia é concebida como um equilíbrio instável construído sobre alianças e a geração de consenso das classes ou grupos subordinados, cujas instabilidades são os constantes focos de luta. (FAIRCLOUGH, 2001, p.85)



Assim, Fairclough se apoia na percepção da hegemonia como “liderança tanto quanto dominação” (p.122) nos diferentes domínios de uma sociedade, compreendendo-a como uma “construção de alianças e integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 122). Muito além de uma dominação estrita, a hegemonia faircloughiana será, então, a construção, a manutenção ou a ruptura de alianças nessas relações dominativas.

Essa visão permite, de tal forma, a compreensão de uma luta hegemônica que se faz presente sempre que há contextos de desigualdade entre diferentes níveis sociais (no foco do ensaio que aqui se apresenta, linguístico-sociais). Tal luta é delimitada por rearticulações de ordens de discurso - estruturas discursivas já instáveis em si. Para o autor, é a luta hegemônica, pois, que permite articulações, rearticulações e desarticulações de convenções discursivas, a partir de suas problematizações, que, por sua vez, promovem a mudança social e discursiva.

Nesse cenário, é fundamental, ainda, esclarecer o que Fairclough (2001) de fato conceitualiza como “mudança social e discursiva” – aspecto central da teoria proposta pelo autor. O autor coloca que “as origens e as motivações imediatas da mudança no evento discursivo repousam na problematização das convenções para os produtores ou intérpretes” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 127). Essa problematização, por sua vez, se dá na medida em que contradições são identificadas, por exemplo, entre determinadas posições discursivas tradicionais e novas relações estabelecidas. Frente a essas contradições, há uma tendência, de acordo com o autor, a adaptar as convenções existentes de forma “inovadora” ou “criativa” (p.127), o que gera a mudança discursiva e social. Dessa forma, a mudança é construída a partir de transgressões, desvios, que criam articulações – configurando uma luta hegemônica de mudança nas relações de poder a partir de uma dialética entre os eventos discursivos e as lutas e contradições sociais que os envolvem. Logo, a mudança discursiva está diretamente associada à natureza da prática social que a inscreve.

A caminho de concluir seu raciocínio acerca das mudanças discursivas, o autor as divide em duas dimensões: a dimensão textual do discurso e a mudança nas ordens de discurso. Devido à natureza ensaística deste texto, que se interessa mais profundamente em uma reflexão crítica e discursiva acerca dos posicionamentos das Línguas Africanas de Angola, e não em uma análise da materialidade textual, foco será dado em considerar os apontamentos

do autor no que concerne as mudanças nas ordens de discurso ao invés de em sua dimensão textual. Nesse sentido, Fairclough (2001) ressalta que

À medida que os produtores e os intérpretes combinam convenções discursivas, códigos e elementos de maneira nova em eventos discursivos inovadores estão, sem dúvida, produzindo cumulativamente mudanças estruturais nas ordens de discurso: estão desarticulando ordens de discurso existentes e rearticulando novas ordens de discurso, novas hegemonias discursivas. Tais mudanças estruturais podem afetar apenas a ordem de discurso 'local' de uma instituição, ou podem transcender as instituições e afetar a ordem de discurso societária. (FAIRCLOUGH, N., 2001, p.128)

Posto isso, torna-se claro que ao se propor “explicar a mudança” (p. 131), a partir de sua Teoria Social do Discurso, Fairclough (2001) relaciona dialeticamente a prática social à prática discursiva, as mudanças sociais às mudanças das ordens de discurso, a partir de uma luta hegemônica que é configurada também social e discursivamente. É partindo desse entendimento de transgressões hegemônicas que serão debatidos os diferentes posicionamentos discursivos das Línguas Africanas de Angola – e do Português em relação a elas - considerando seu contexto colonial e pós-colonial, marcados inquestionavelmente por relações de hegemonia.

### 3.O contexto angolano

Angola, país da costa ocidental africana, é constituída por 18 províncias que, além de terem o Português como língua oficial, falam diferentes línguas de matriz Bantu – ramo linguístico da família Nígero-Congolesa – a exemplo: Kimbundu, Umbundu e Kikongo. Desde meados do século XVI, o país foi espaço para a dominação econômica portuguesa, ainda que a ocupação oficial e efetiva do território, que o definiu como “província ultramarina” de Portugal, só tenha ocorrido na década de 1920, em contextos imperialistas, em decorrência dos resultados da Conferência de Berlim de 1884.

A dominação portuguesa em Angola adentrou grande parte do século XX, sendo posta a fim em 11 de novembro de 1975, quando foi declarada a independência do povo angolano, após longos 13 anos de guerra – uma das mais duradouras do continente africano. Logo após a independência, o país, fraturado (RIBEIRO, 2016) pelo colonialismo e impactado pelos interesses polarizados da Guerra Fria, entrou em uma trágica guerra civil que terminou apenas em 2002, 27 anos após o início dos conflitos.

Linguisticamente, o país tem um contexto multilíngue potente, definindo como Língua Oficial o Português e reconhecendo outras cinco línguas como “Línguas Nacionais”: Kikongo, Kimbundu, Cokwe, Oshikwanyama e Olunyaeka. Atualmente, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística de Angola (INE), no “Anuário de Estatísticas Sociais” referente a 2019 e publicado em 2021, o Português é falado por 71,5% da população que, no entanto, fala ao menos duas outras línguas em casa. A paz instaurada no início do milênio persiste, porém o país lida, ainda hoje, com graves consequências sociais, educacionais e linguísticas provindas dos anos de instabilidade gerados pelo período colonial.

Esse brevíssimo panorama histórico e linguístico de Angola é essencial para os objetivos desse ensaio, na medida em que compreender a luta hegemônica em torno do posicionamento discursivo das LAA e, por consequência, as mudanças discursivas e sociais a elas relacionadas, é compreender as complexas nuances e intricadas do contexto político-linguístico do país – nuances essas que superam os, muitas vezes cômodos, binarismos coloniais e demandam cuidadosa reflexão para que se possa, de fato, caminhar rumo à sua (contínua) decolonização linguística. Nessa perspectiva, o posicionamento discursivo das LAA será compreendido a partir de quatro períodos distintos da história angolana: o período colonial anterior ao século XX, o período colonial do século XX até o início das Lutas de Libertação Nacional (1920-1961), o período das lutas pela independência (1961-1975) e o período pós-independência (1975 em diante).

É preciso ressaltar, ainda, que justamente por ser compreendido na configuração de uma luta hegemônica, o posicionamento discursivo das LAA será debatido em relação ao posicionamento dado à Língua Portuguesa nesses mesmos períodos – considerando-as, Línguas Africanas de Angola e Língua Portuguesa, como estruturas sociais às quais estão associadas ordens de discurso (FAIRCLOUGH, 2001), foco da luta hegemônica em questão. Nessa perspectiva, muito será aproveitado do trabalho de Ponso (2009), que, a partir de pressupostos teóricos e metodológicos da Dialetologia e da Sociolinguística, analisou as representações da Língua Portuguesa no contexto multilíngue de Angola, transitando pelos diferentes períodos aqui citados. Além disso, o trabalho de Oliveira (2019) também colabora imensamente para a construção deste texto ao, no entendimento das Políticas Linguísticas, discutir a imposição monolíngue colonial no país e seus efeitos contemporâneos. O presente trabalho, por outro lado, busca dar foco às Línguas Africanas de Angola, no contexto da luta hegemônica, a partir de pressupostos teórico-metodológicos discursivos críticos e decoloniais, contribuindo para a discussão iniciada pelas autoras citadas a partir de outro olhar.



### **3.1.O período colonial anterior ao século XX**

Parte fundamental do processo colonial, a imposição do idioma colonizador foi prática do governo português durante grande parte da história angolana, iniciada no século XV por missionários católicos que, a mando da Coroa portuguesa, ocuparam-se em aprender as línguas locais para, posteriormente, transpassá-las a um modelo escrito que possibilitasse a conversão religiosa da população local. Oliveira (2019) argumenta que esse processo, baseado na gramaticalização greco-latina e, portanto, ineficaz na descrição das línguas de matriz Bantu, resultou no primeiro movimento colonial de “engessamento das línguas”, o que “impossibilitou o dinamismo de seu caráter deslizante de mudança contínua” (p.3), na medida em que impôs epistemologias eurocêntricas às línguas africanas – configurando-se como um epistemicídio (CARNEIRO, 2005) linguístico, observado já no princípio da presença portuguesa.

Nesse cenário, percebe-se um contexto social e discursivo – associando a gramaticalização das LAA a um instrumento de dominação cultural e religioso português, a partir do epistemicídio – favorável à manutenção das relações hegemônicas que, em razão inclusive das profundas diferenças de poder bélico (ou seja, em dialética a estruturas sociais) entre os povos e do período histórico em questão, ainda tendiam à estabilidade favorável à subordinação do povo angolano. Ainda nesse cenário, observa-se como a própria prática discursiva de produção, distribuição e consumo (FAIRCLOUGH, 2001) das LAA encarnava facetas da luta hegemônica enquanto o que Severo (2014) chamou de “Cristianletos”, isto é:

Um conjunto complexo de (i) línguas e discursos usados como instrumentos de dominação dos povos ditos locais através da invenção, descrição e nomeação de suas línguas; (ii) traduções de uma série de gêneros discursivos europeus para as línguas locais e (iii) discursos sobre os sujeitos e localidades locais tomados como exóticos e incivilizados. (SEVERO, 2014, p. 13)

Dessa maneira, o início do período colonial contribuiu ativamente para que a Língua Portuguesa se tornasse “instrumento de hierarquização, silenciamento e isolamento” em relação às LAA (OLIVEIRA, 2019, p.1). Desde esse período até o início das Lutas por Libertação Nacional em 1961, Ponso (2009) afirma que houve uma “imposição violenta da língua europeia” (p. 149) em território angolano, mantendo certo grau das relações discursivas e sociais de dominação, posicionando as Línguas Africanas de Angola como um instrumento de dominação cultural de seu próprio povo, a partir dos “cristianletos” (SEVERO, 2014).

### **3.2.O período colonial do século XX (1920-1961)**

Antes de adentrar as relações discursivas e sociais do período das Lutas de Libertação Nacional, marcado por transgressões mais expressivas nas relações de poder, é preciso diferenciar algumas características do período colonial em relação aos formatos de colonialismo que o precederam, com destaque dado aos anos entre 1920 e 1961, isto é, a partir do aumento expressivo de imigrantes portugueses em terras angolanas pós Conferência de Berlim até o início da Guerra de Independência. Isso porque o período foi marcado pela edição de “uma série de leis com o objetivo de dar continuidade ao empreendimento colonial, buscando legitimar a subjugação do povo angolano” (OLIVEIRA, 2019, p.6), em especial durante o governo Salazarista (1933 – 1974), que realçaram um viés discursivo político-legal nas ordens de discurso em torno das LAA.

Dentre as diferentes legislações promulgadas, cabe destaque ao Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique (ou, como ficou mais conhecido, o Estatuto do Indigenato), instituído pelo Decreto-lei nº 39.666, de 20 de maio de 1954, visto que este trouxe um enfoque específico às políticas linguísticas em Angola. O Estatuto separava o povo angolano em “assimilados”, aqueles que incorporaram a cultura eurocêntrica e ocidental, e “indígenas”, aqueles que não sofreram assimilação e mantinham práticas culturais estritamente angolanas autóctones. Tal status era diretamente condicionado ao domínio do “bom” Português, tido como o Português europeu, e, da mesma forma, ao não uso das LAA pelos “assimilados”. Desse modo,

o “assimilado”, para assim ser reconhecido, tinha que demonstrar saber ler, escrever e falar fluentemente em português, se vestir, e ter a mesma religião que os portugueses, manter um padrão de vida e de costumes semelhantes ao estilo de vida europeu e não ter cadastro na polícia. (OLIVEIRA, H.. Língua Portuguesa em Angola: silenciamentos, isolamentos e hierarquias. Revista da ABRALIN, v. 17, n.2, 24 jun. 2019., p.7)

A essa determinação, pode-se associar a análise que Kilomba (2019) constrói do *Retrato da Escrava Anastácia* (figura 1), feito pelo desenhista francês Jacques Arago no século XIX. Apesar de não possuir uma história oficial, a imagem é relacionada a Anastácia (de nome africano desconhecido), filha de uma família real Kimbundo (grupo étnico Bantu), nascida em Angola, sequestrada por portugueses e levada ao Brasil, onde foi escravizada:

**Figura 1:** Retrato da “Escrava Anastácia”



Fonte: ARAGO, Jacques. 1818. *apud* KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Kilomba (2019, p.33) argumenta que a máscara punitiva de Anastácia, que a impedia de falar, representa o “colonialismo como um todo” e “seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os ‘Outras/os’” e pergunta: “Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar?”. Analogamente, o Estatuto do Indigenato, ao definir o Português europeu como a língua do “assimilado”, posicionou as Línguas Africanas de Angola, social e discursivamente, como aquelas dos “indígenas” – sujeitos então desprovidos de direitos civis e subjugados ao trabalho forçado, subalternizados na estrutura social -, ao mesmo tempo silenciando seu uso pelos sujeitos “assimilados” e estigmatizando seu uso pelos sujeitos “indígenas”, já que até mesmo sua “interferência no domínio da língua portuguesa denotava uma ‘má proficiência’ da língua da metrópole, alcunhada por ‘pretuguês’” (SEVERO, 2015b, p.408 *apud* OLIVEIRA, 2019). Acrescenta-se, então, às interrogações de Kilomba: *Em que língua se pode falar?*

Torna-se evidente, portanto, que o Estatuto do Indigenato performou um papel crucial na relação hegemônica faircloughiana entre a língua de dominação (Português europeu) e as línguas dominadas (Línguas Africanas de Angola), na medida em que rearticulou as ordens de discurso, institucionalizando legislativamente a marginalização das LAA e de seus falantes, intensificando as relações de dominação colonial vistas desde o século XV. Esse processo discursivo é indissociável da prática social, relacionando-se a eventos sociais complexos – neste caso o ápice da ditadura Salazarista em Portugal que, na contramão de outros países europeus, tinha como projeto político fortalecer a colonização na África.

### **3.3.O período das Lutas de Libertação Nacional (1961-1975)**

Em resposta à pressão internacional e à recém-iniciada Guerra de Independência em Angola, o governo português revogou, em 1961, o Estatuto do Indigenato. A guerra, que tinha como precursores alguns dos angolanos “assimilados ativos” (em oposição aos “passivos”), como classificados pela linguista angola Amélia Mingas (2000), ou seja, “aqueles que se apropriavam de tudo o que lhes fosse possível aprender, por terem como objetivo libertar seu povo e seu país da dominação colonial portuguesa” (OLIVEIRA, 2019, p.9), trouxe mudanças importantes nas ordens de discurso em torno do Português e, por consequência, das LAA no país. É importante destacar, contudo, que tais mudanças não foram necessariamente em um sentido anticolonial, na possibilidade de enaltecimento das línguas nacionais, ao contrário, em um movimento ambivalente, executaram novas combinações de convenções discursivas (FAIRCLOUGH, 2001) que ressignificaram o uso da Português sem, no entanto, promover a valorização e ampliação das Línguas Africanas de Angola.

Em seu artigo “O português no contexto multilíngue de Angola”, Ponso (2009) argumenta acerca da importância que o Português teve na articulação dos movimentos nacionais pela independência, já que o contexto multilíngue do país, da maneira como era configurado à época da guerra, por consequência das ações coloniais do século XVI de separação dos diferentes grupos étnicos do país, não favorecia a comunicação entre esses grupos em direção a um objetivo comum. Nessa esteira, Oliveira (2019) complementa ao constatar que os líderes desses movimentos “utilizaram [estrategicamente] a língua do colonizador para denunciar o colonialismo português” (p.9). Aqui, observa-se claramente o que Fairclough (2001) chama de “cruzamento de fronteiras”, ou seja, “a reunião de convenções existentes em novas combinações” (p.127). Houve, dessa maneira, uma mudança nas ordens de discurso em torno do Português, quando este foi apropriado pelos angolanos como instrumento de libertação da dominação colonial – tanto para articular o movimento internamente, como já dito, quanto para dialogar internacionalmente, adquirindo relevância política no cenário internacional a partir da exposição do olhar angolano sobre a situação de Angola.

Essa reorganização, por sua vez, não se traduziu em uma valorização das Línguas Africanas de Angola – que, na realidade, foram afastadas da pauta política enquanto o foco era a luta pela independência. Assim, ao mesmo tempo que nesse período já não havia a vigência do Estatuto do Indigenato, o que supostamente contribuiria para a redução do estigma em

torno das LAA, nada foi feito em prol de sua valorização e reposicionamento discursivo. A mudança discursiva e social no período, portanto, deu-se de maneira mais significativa nas ordens do discurso que envolviam o Português do que as relativas às LAA, que, de muitas formas, mantiveram a mesma posição na luta hegemônica vista até então. Esse cenário, todavia, seria rearticulado.

#### **4.O período pós-independência (pós 1975)**

A independência de Angola, alcançada em 11 de novembro de 1975, suscitou novas rearticulações das convenções discursivas vigentes, reafirmando a dialética entre práticas sociais e discursivas postas por Fairclough (2001). O Português manteve seu status de Língua Oficial do país – apesar disso, ao serem novos sujeitos a mantê-lo (agora, os angolanos recém independentes), argumenta-se a concepção de uma ordem de discurso alterada, não mais em prol da dominação colonial, mas de uma unidade nacional que possibilitasse o desenvolvimento do país. De fato, a própria concepção de unidade nacional vem de um modelo político-econômico europeu de nação, imposto à África por meio da colonização, que, no entanto, e muitas vezes, pouco deu conta do pluralismo africano (OLIVEIRA, 2019, p.4), o que explica o alto número de guerras civis que se instauraram no continente na era pós-colonial. Ainda assim, é preciso reconhecer as transgressões feitas nas convenções discursivas quando se tornou o outrora dominado, e não o velho dominante, a declarar o Português como Língua Oficial do país.

Já as Línguas Africanas de Angola mais recorrentes no país no que diz respeito ao número de falantes receberam o status legal de “Línguas Nacionais”. Nesse caso, a alteração do status legal não correspondeu a mudanças discursivas e sociais reais em termos da posição dessas línguas na luta hegemônica aqui tratada (GOMES, 2014; BERNARDO, 2018; PONSO, 2009). Isso, pois o período pós-independência foi marcado pelo início de uma guerra civil que duraria até 2002. Esses 27 anos de guerra civil prejudicaram imensamente o desenvolvimento político, social e educacional de Angola, como é reiterado por Samuel Carlos Victorino (2012), reitor da Universidade Lueji A’Nkonde (ULAN), o que dificultou ações em prol de uma rearticulação social e discursiva das LAA – mantendo-as em uma ordem de discurso tal que “falar uma língua angolana, num dado contexto comunicacional, pode influenciar, negativamente, o processo de aceitação, ou não, por parte da sociedade” (QUINO, 2005 *apud* PONSO, 2009, p.156) mesmo pós-independência.



Esse cenário passa por outras rearticulações – dessa vez mais expressivas para o posicionamento das LAA e para o Português angolano – a partir do fim da guerra civil, em 2002, quando o país inicia sua reestruturação e volta seus esforços à educação, inclusive à educação superior. Foi a expansão da educação superior angolana que proporcionou o movimento contemporâneo, marcado, primeiro, por discussões acadêmicas e políticas acerca do reconhecimento de um Português Angolano nacional enquanto variação legítima e distinta do Português Europeu (PONSO, 2009) – diferença que é, além de linguística, discursiva, na medida em que há o reconhecimento dos sujeitos outrora dominados como detentores de uma língua assimilada dos dominantes, que, contudo, já não pertence ao colonizador.

Ainda, a mesma expansão foi também marcada por um movimento em prol da valorização das Línguas Nacionais e de um ensino bilíngue no país (SEVERO, SASSUCO, BERNARDO, 2019) – este já alcançado em maior grau por outras ex-colônias portuguesas, como Moçambique. Nesse sentido, observou-se nos últimos anos o surgimento de projetos institucionais, tais como o Projeto de Ensino Bilíngue (BERNARDO, 2018), que dialogam dialeticamente com as rearticulações das ordens de discurso em torno das LAA, promovendo, desta vez, mudanças sociais e discursivas que desafiam as convenções vigentes e, de fato, desestabilizam relações hegemônicas de poder entre o Português e as LAA.

Hoje, a necessidade do resgate, do reconhecimento e da valorização das LAA, por meio, também, de um ensino bilíngue, é reconhecida, ainda que lentamente, por órgãos públicos e por acadêmicos que se empenham criativamente (no sentido de Fairclough, 2001) na reconstrução decolonial e crítica das práticas discursivas e sociais em torno das LAA. Esse resgate é, ao mesmo tempo, um resgate epistemológico que contraria o epistemicídio desenvolvido por Carneiro (2005) e até então vigente em Angola, uma vez que muitos são os sujeitos postos à margem do conhecimento no país devido à outrora ausência de uma preocupação com a inserção das LAA no ambiente escolar, como indica Ponso (2009):

os índices de baixo aproveitamento escolar, as reprovações e o abandono são um reflexo, entre outras coisas, de uma falta de interesse político em mudar um quadro educacional que não contempla muitas vezes tal multilinguismo como característica cultural dessas nações. (PONSO, 2009, p.157)

Dessa forma, considerando Rajagopalan (2003), que afirma o multilinguismo como a norma e não a exceção do mundo contemporâneo, buscar a unidade na valorização

pluralidade tem se mostrado como um caminho fértil traçado por intelectuais angolanos, brasileiros e portugueses da atualidade.

### **Considerações Finais**

Refletir acerca das fraturas coloniais (RIBEIRO, 2016) deixadas por países europeus em território africano significa mandatoriamente refletir acerca das fraturas (e silenciamentos) linguísticos desse processo. O caso de Angola chama atenção em razão dos ainda escassos, apesar de profícuos, estudos sobre o tema e das várias reconfigurações discursivas pelas quais passaram tanto o Português quanto as Línguas Africanas de Angola ao longo de sua história. Esse ensaio se posiciona como uma breve contribuição para esses estudos – muitas vezes apoiados exclusivamente na Sociolinguística ou nas Políticas Linguísticas – a partir de um novo olhar teórico e metodológico para a questão.

A Teoria Social do Discurso faircloughiana e o Pensamento Decolonial se entrelaçam no arcabouço dos estudos críticos e permitem, de forma ensaística, reflexionar o contexto angolano. Tal reflexão nos leva a compreender que a mera alteração de status e terminologias nem sempre é suficiente ou essencial para que haja mudanças discursivas e sociais em torno de línguas outrora marginalizadas e silenciadas, como as Línguas Africanas de Angola. Além disso, a reflexão aqui construída nos demonstra que visões binárias reducionistas acerca da colonização (dominante x dominado; colonizador x colonizado) não conseguem, apesar de atraentes por sua fácil compreensão, abarcar a complexidade desse processo – marcado por transgressões e rearticulações de convenções discursivas e das relações de dominação/subordinação, como elaborado por Fairclough (2001), que devem ser compreendidas para que se permaneça em um caminho e um fazer decolonizantes.

Assim, pensar a questão político-linguística de Angola a partir de um olhar crítico (discursiva e filosoficamente) é se permitir perceber as nuances e intricarias que compõem o cenário linguístico desse país. Um olhar mais profundo para cada período histórico aqui destacado é possível e há, ainda, largo espaço para discussão. A opção por oferecer um breve panorama de cada um dos quatro períodos históricos mencionados ao longo desse ensaio se deu em razão do desejo de refletir acerca das mudanças sociais e discursivas em torno do posicionamento das LAA – mudanças essas que muitas vezes só podem ser percebidas no decorrer do tempo histórico, a partir de um olhar panorâmico.

Buscou-se um decolonialidade que se fizesse presente não apenas como instrumento para reflexão filosófica da questão, mas como prática epistemológica, na tentativa de trazer

autoras e autores angolanos, caribenhos, latino-americanos, juntamente ao que é posto como o “cânone” do Norte global – prática vista como a única possível para uma verdadeira compreensão do cenário. Em seu trabalho, várias vezes aqui mencionado, Kilomba (2019) diz que “o colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre, por vezes infecta, e outras vezes sangra”. Entendendo que a cura vem, também, pela palavra, espera-se contribuir para um movimento de tratamento dessa ferida no contexto aqui proposto.

Fica, por fim, um reconhecimento de novos tempos, de novas articulações discursivas e sociais. Grande parte das referências aqui citadas são de pesquisadores brasileiros e angolanos que têm buscado ressignificar o posicionamento discursivo das Línguas Africanas de Angola no país, ao mesmo tempo em que buscam o reconhecimento do Português Angolano como a variedade nacional do português – distinto do europeu linguística e discursivamente, como já posto. Abre-se, assim, uma nova possibilidade de articulação discursiva e social entre as línguas angolanas – uma que celebre a multiculturalidade e multilinguismo do país e que, porém, não ameaça a unidade nacional necessária ao desenvolvimento pleno de Angola enquanto Estado soberano e livre.

## Referências

- BERNARDO, Ezequiel Pedro José. **Política linguística para o ensino bilíngue em Angola**. (2018). (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós Graduação em Linguística, 2018.
- CARNEIRO, Sueli. **A construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2005.
- COLAÇO, Thais Luzia. **Novas perspectivas para a antropologia jurídica na América Latina: o direito e o pensamento decolonial**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2012.
- FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FIGUEIREDO, Isabela. **Caderno de Memórias Coloniais**. São Paulo: Todavia, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GOMES, Silvestre Filipe. **Relações entre língua oficial e línguas locais na escola: como as crianças de aldeias de Cabinda/Angola aprendem o português e em**

**português**. 2014. 155f. (Dissertação de Mestrado). Mestrado em Educação – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

GRAMSCI, Antonio. **La costruzione del partito comunista 1923-26**. Torino: Einaudi, 1971.

HENRIQUES, Joana Gorjão. **Racismo em Português: o lado esquecido do colonialismo**. Lisboa: Tinta da China, 2016.

INE - INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA DE ANGOLA. **Anuário de Estatísticas Sociais 2015-2019**. Luanda: INE, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação – episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MINGAS, Amélia. **Interferência do Kimbundu no Português falado em Lwanda**. Luanda: Chá de Caxinde, 2000.

OLIVEIRA, Heloísa Tramontim de. Língua Portuguesa em Angola: silenciamentos, isolamentos e hierarquias. **Revista da ABRALIN**, v. 17, n.2, 24 jun. 2019.

PONSO, Letícia Cao. O português no contexto multilíngue de Angola. **Confluência** (Rio de Janeiro), v. 35-36, p. 147-162, 2009.

RAJAGOPALAN, Kanavilli. **Por uma linguística crítica – linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

REIS, Maurício e ANDRADE, Marcilea. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 202, mar. 2018.

RIBEIRO, M. A Casa da Nave Europa – miragens ou projeções pós-coloniais? In: **Geometrias da Memória: configurações pós-coloniais**, Porto: Afrontamento, 2016.

ROSEVICS, Larissa. Do pós-colonial à decolonialidade. In: CARVALHO, Glauber.

ROSEVICS, Larissa (Orgs.). **Diálogos internacionais: reflexões críticas do mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Perse, 2017.

SANTOS, S. Boaventura. **Pela Mão de Alice**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

SEVERO, Cristine. Línguas e Estados nacionais: problematização histórica e implicações. In: **Estão as Línguas Nacionais em Perigo?**. Lisboa: Escolar Editora, 2014.

SEVERO, Cristine. Políticas Linguísticas e Racismo. In: **VII Encuentro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas**, 2015, Córdoba. Actas del VII Encuentro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas, Córdoba, 2015b.

SEVERO, Cristine. Das línguas indígenas: por um olhar decolonial em políticas linguísticas. **Revista Digital de Políticas Linguísticas**. Ano 11, v.11, nov. 2019.

SEVERO, Cristine; SASSUCO, Daniel; BERNARDO, Ezequiel Pedro José. Português e Línguas Bantu na Educação Angolana: da diversidade como “problema”. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n.43, jan.-jun. 2019.

VICTORINO, Samuel Carlos. O papel da educação na reconstrução nacional da República de Angola. **Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária**. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio sociopolítico. Brasília, v.17, n.1, jun. 2012.

Recebido em: 12/02/2022

Aceito em: 25/05/2022

**Para citar este texto (ABNT):** ARCHER, Carolina. Lutas hegemônicas em torno do posicionamento discursivo e social das línguas africanas de Angola: Uma reflexão crítica e decolonial. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº 1, p.507-524, jan./jun. 2022.

**Para citar este texto (APA):** Archer, Carolina (jan./jun.2022). Lutas hegemônicas em torno do posicionamento discursivo e social das línguas africanas de Angola: Uma reflexão crítica e decolonial. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2 (1): 507-524.